



Contribuições de Eliseo Verón para o estudo do discurso¹

Giovandro Marcus FERREIRA²

Cássio Santos SANTANA³

Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo identificar contribuições do semiólogo franco-argentino Eliseo Verón para o estudo dos discursos. A partir de uma perspectiva bibliográfica, tenta-se entender o deslocamento do objeto do campo da semiologia proposto por Verón, para depois delinear reverberações teórica-metodológicas deste movimento, fazendo uma exposição conceitual que justifica a definição do momento da semiologia de 3ª. geração a partir da produção o referido teórico.

Palavras-chaves: Eliseo Verón; Discurso; Contrato de leitura; Semiose Social.

Nos anos 80, o semiólogo Eliseo Verón iniciou, juntamente com outros estudiosos na França, um deslocamento do objeto de estudo da semiologia. Com efeito, até então reinava o que se caracterizou, mais tarde, como a primeira semiologia, que tinha como proposta de análise uma perspectiva caracterizada pelos estudos estruturalistas (FERREIRA, 2006), o que se convencionou chamar de imanentista: dava-se uma análise de um determinado texto sem ultrapassar seus limites – portanto, sem avanços no que concernem aos aspectos extratextuais.

A semiologia de segunda geração (anos 70), por outro lado, foi no viés de superar a análise interna, quer dizer, do texto encerrado em si mesmo. Tem-se, então, o estudo da produção do sentido, influenciado pelas gramáticas gerativas, que, a partir de um texto, se propunha a reconstituir o processo de criação do sentido a partir das condições de produção do texto (VERÓN, 2005). O livro *Recherches pour une sémanalyse* de Julia Kristeva foi relevante para este novo momento da semiologia (KRISTEVA, 1969). Percebe-se, contudo, avanços e, ao mesmo tempo, também

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015. Esse estudo é fruto da bolsa de pesquisa de iniciação científica Paradigmas da Comunicação: contribuições de Eliseo Verón, bolsa PIBIC/FAPESB 2014-2015

² Professor associado da Universidade Federal da Bahia na qual integra o corpo docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura e coordena o Centro de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso e Mídia (CEPAD). Orientador deste artigo e da bolsa PIBIC/FAPESB, e-mail: giovandr@ufba.br

³ Estudante do 7º semestre de jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFBA, integrante do CEPAD. Bolsista PIBIC/FAPESB, e-mail: cassiosantana@gmail.com



limitações teórica-metodológicas desta segunda fase, tendo em vista, outros aspectos fundamentais da produção de sentido.

Com vista à proposta de rever os dois primeiros momentos da semiologia, Verón (2005) vai também contribuir para uma semiologia da terceira geração, buscando que ela fosse “capaz de integrar em sua teoria os ‘efeitos de sentido’” (Verón, 2005, p. 215), e não considerasse os textos como lugares de sentido únicos, mas que levasse em conta também as articulações com aspectos extratextuais em sua proposta analítica, conceituados como instâncias das condições de produção e das condições de reconhecimento do discurso. Uma semiologia capaz de compreender o discurso como um ponto de passagem do sentido (Verón, 2005, p. 216), como um “fragmento de um tecido” no interior de uma semiose.

Propomo-nos trazer aqui as algumas contribuições teórico-metodológicas do semiólogo franco-argentino Eliseo Verón para os estudos do discurso, sem nenhuma pretensão de ser exaustiva, já que Verón trabalhou no domínio da comunicação em geral e da semiologia em particular, desde os anos 60, vindo a falecer em abril de 2014. Uma vida marcada pela produção intelectual com inúmeras publicações, como pode constatar-se no site <http://eliseoveron.com/>, no qual se concentra grande parte de sua obra. Efetivamente, tornou-se quase imprescindível, àqueles que se debruçam sobre produtos dos meios de comunicação de massa, com estudos no âmbito dos discursos, não levar em conta a produção de Eliseo Verón, sobretudo no tocante à terceira geração da semiologia.

Os discursos sociais

Para formular sua teoria dos discursos sociais, Verón (1980; 1993; 2005) busca nos trabalhos de Peirce e Frege, sobretudo no primeiro, as bases de sustentação para seu pensamento. De fato, o signo triádico peirceano foi o suporte teórico-metodológico usado por Verón (1980) para superar a visão dicotômica, binária, do signo saussureano, o qual Verón (1980) acusava de negligenciar um terceiro termo (*tercer término*) indispensável na compreensão do sentido. Em relação ao modelo saussureano, Verón (1980) diz:

[...] ao rejeitar o “real em si” que se supunha existir fora da linguagem (a linguagem não é “uma nomenclatura, ou seja, uma lista de termos correspondendo cada um a uma coisa”), eliminou-se, com isso, uma questão bem mais importante: a

construção do “real”, o afeiçoamento de sistemas de representação, terceiro termo essencial de qualquer funcionamento de sentido (VERÓN, 1980, p. 176)

Percebeu-se que era necessário superar o binarismo do signo, e que isso só se daria fora da herança saussureana. O aspecto dicotômico, onde apenas dois termos são colocados, um em relação ao outro, em uma linearidade de sentido, esvaziou justamente a questão central evocada por Verón: a materialidade do sentido (VERÓN, 1993)

Peirce é central para a compreensão da obra de Verón. Não só o signo triádico, mas a própria noção de *semiose*, mais tarde tomada de empréstimo pelo próprio Verón na constituição da sua semiose social, balizaram esse primeiro momento de superação do signo binário de Saussure.

[...] por semiose entendo, pelo contrário, uma ação ou influência que é, ou implica a cooperação de três sujeitos (*subjects*), a saber um signo, seu objeto e seu interpretante, relação ternária (*tri-relative influence*) que não pode de modo algum resolver-se em ações entre pares.⁴

Verón (1980; 1993) busca, com este esforço, à natureza social do sentido. Ele entende que toda a produção discursiva depende social, que se torna impossível pensar em um discurso à margem de uma cultura, um contexto sociopolítico e econômico dado.

Tomar, portanto, um texto (material verbal e não-verbal) como discurso implica tê-lo em relação com outros discursos, em avanços extratextuais, uma vez inserido na malha do social (BRAGA, 2005). O processo de produção de um discurso tem sempre uma forma de operações discursivas, operações nas quais matérias significantes são investidas de sentido. (VERÓN, 1980). Por meio das operações discursivas, rastros são deixados na superfície textual, marcas do processo de produção social dos discursos. Percebe-se, *a fortiori ratione*, que o discurso é, em algum momento, um lugar de manifestações de rastros e marcas da instância de produção (VERÓN *apud* BRAGA, 2005)

Trata-se, para nós, de conceber os fenômenos de sentido como tendo, de um lado, sempre a forma de investimentos nos conglomerados de matérias significantes. E como remetendo, de outro lado, ao funcionamento da rede semiótica conceptualizada como sistema produtivo. Esses investimentos são suscetíveis de

⁴ Collected Papers of Charles Sanders Peirce, edited by C. Harshorne and P. Weiss, Harvard University Press, 1931-1958. Tradução feita por Verón em VERÓN, Eliseo. A produção do sentido. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cultrix, 1980, p. 180



ser descritos como conjuntos de processos discursivos.
(VERÓN, 1980, p. 190)

Verón (2005) reclama uma visão ampla do sistema de produção dos discursos sociais, em que três etapas sejam levadas em consideração em matéria de análise: produção, circulação e reconhecimento. Verón (2005) alerta para a não linearidade do sentido, ao postular que um conjunto textual sempre tem duas leituras possíveis: a do processo de produção e do reconhecimento do discurso (VERÓN, 2005; BRAGA, 2005). A relação entre produção e reconhecimento é o que se chama circulação. Para Verón (1980; 1993; 2005), portanto, uma teoria dos discursos sociais se situa em um plano translinguístico, diferentemente sobretudo daqueles que posicionam o estudo dos discursos para além da frase, fixando-o no interior do domínio da linguística.

A produção social do sentido

A partir do seu percurso teórico-metodológico, Verón (1980) acredita que a produção social do sentido estaria às voltas com o que ele chamou de teoria da discursividade. Na verdade, a bem dizer, é só por meio da superação dos limites colocados pela linguística e pela semiótica, com a introdução analítica da materialidade do sentido e da construção do real, que se tem a teoria da discursividade. (BRAGA, 2005).

Toda produção de sentido é necessariamente social: não se pode descrever nem explicar satisfatoriamente um processo significante sem explicar suas condições sociais produtivas. Todo fenômeno social é, em uma de suas dimensões constitutivas, um processo de produção de sentido, qualquer que seja o nível da análise (VERÓN *apud* BRAGA, 2005, p. 119-120) (tradução nossa)

Dito de outro modo, trata-se de ter qualquer fenômeno social como investido de sentido pelo social. O processo de significação, portanto, deixa marcas em seus produtos, marcas do meio no qual os produtos foram engendrados – isto é, o social. O sentido está inserido em um fluxo de sentido no qual o social significa os discursos, que constroem a realidade (o real) do social.

Para Verón (1993), os meios de comunicação constroem a realidade social, são *soi-disant* máquinas de construção do social. Algo significa só quando é construído a



partir de uma perspectiva midiática. E a construção de sentido dar-se, como já o dissemos, em um fluxo contínuo, em uma rede complexa e infinita.

Semiose: uma rede infinita de sentido

Um discurso sempre remete a outro discurso, ao sistema produtivo que o engendrou, de modo que ele apenas, encerrado em si mesmo, não pode ser jamais um lugar de sentido. Tem-se, então, um processo de remissão contínuo, em que um discurso leva a outro, um texto remete ao sistema produtivo, este também remete a outros discursos. (VERÓN, 1980) em “uma rede interdiscursiva da produção social do sentido” (VERÓN, 2005, p. 72). Dito de outro modo, o discurso não passa de um ponto de passagem de sentido a outro nível de sentido, como outrora se apregoava sobretudo a linearidade do sentido, mas a semiose social é uma rede complexa e infinita.

O Acesso a essa rede se dá a partir de fragmentos, os quais se apresentam sob uma superfície material, do discurso, fazendo Verón trabalhar ao longo das décadas com a noção de materialidade do sentido. (VERÓN, 2013). Duas determinações se impõem: as gramáticas de produção e as gramáticas de reconhecimento, que nunca são iguais e estão sempre em desnível, provocando efeitos diversos. Na diferença entre estas duas instâncias de produção de sentido dar-se a circulação (BRAGA, 2005) “De fato, a circulação [...] só pode materializar-se sob a forma, justamente, da diferença entre produção e os efeitos do discurso” (VERÓN, 2005, p. 53).

A ideia é que tomemos um discurso como um sistema em relação com, de um lado, sua instância de produção e, de outro, com a instância de reconhecimento (VERÓN *apud* BRAGA, 2005).

Todo discurso se relaciona, a partir de determinadas regras, tanto com suas condições de produção quanto com suas condições de reconhecimento. Estas regras compõem o que Verón chama gramáticas. As regras de geração correspondem às gramáticas de produção, e as de leitura, às de reconhecimento (BRAGA, 2005, p. 260) (tradução nossa)

Neste processo, é a circulação que, a partir da análise, revela os “rastros e pistas” deixados na superfície discursiva provenientes da instância de produção e reconhecimento. (VERÓN, 2005). Os discursos, a partir do entendimento de Verón (2005), tornam-se, por conseguinte, pontos de passagens do sentido, que se desloca



continuamente a outros pontos de rede, em um processo de semiose infinita, social e histórica.

Do contrato de leitura

Com o advento, primeiro, da sociedade dos meios, para depois chegar-se à sociedade mediatizada, tem-se um novo fenômeno, característico deste novo contexto no qual os meios de comunicação vão se tornando cada vez mais relevantes nas relações sociais. Verón, desde 1984, vem trabalhando a noção de mediatização (VERÓN, 1984), no início dialogando sobretudo com autores de noções como “sociedade pós-moderna”, “sociedade pós-industrial”. Internamente ao campo da comunicação buscava-se ir além da noção de mediação, desenvolvida, entre outros, pelo teórico Jesús Martín-Barbero, numa publicação dos anos 80, traduzida no Brasil na década de 90 (MARTIN-BARBERO, 1997). Neste sentido, pode-se, de uma certa maneira, considerar os estudos de comunicação numa trajetória: “dos meios às mediações”, “das mediações às mediatizações” Todos estes deslocamentos terão incidências na relação entre a produção de sentido mediático e seus públicos.

Com esse propósito, Verón (2005), primeiramente, retoma a diferença que há na relação entre enunciado e enunciação. “A ordem do enunciado é a ordem do que é dito (aproximadamente poder-se-ia dizer que o enunciado é da ordem do ‘conteúdo’); a enunciação diz respeito não ao que é dito, mas ao dizer e suas modalidades, aos modos de dizer” (VERÓN, 2005, p.216). Isto é, busca-se compreender como um mesmo conteúdo pode ser dito de maneiras diversas por vários veículos, conseqüentemente, produzindo diferentes formas de sentido.

Em relação aos variados meios de comunicação de uma zona de concorrência, observa-se uma certa regularidade no atinente ao conteúdo. No entanto, no que diz respeito às modalidades do dizer de um determinado assunto, temos um cenário heterogêneo. Um campo repleto de sentidos oriundos, na maioria das vezes, do mesmo conteúdo. Nesta perspectiva, Verón (2005) propõe que as modalidades do dizer constroem o que ele chamou de contrato de leitura ou o dispositivo de enunciação, onde podemos observar a presença de: (1) a imagem e/ou lugar de quem fala (enunciador); (2) a imagem e/ou lugar do daquele a quem é destinado o discurso (destinatário) e (3) a



relação entre o enunciador e o destinatário, “que é proposta no e pelo discurso” (VERÓN, 2005, p. 218)⁵

Trata-se, portanto, de uma série de operações da parte do enunciador com vista a uma relação harmoniosa e proveitosa com o co-enunciador. Com efeito, é no contrato de leitura que se dá o sucesso ou não de um veículo, da eficiência de um discurso, que um determinado suporte busca construir através de sua regularidade entre seus sujeitos discursivos, na condução das estratégias pelo viés das suas diferentes matérias significantes.

Frequentemente, a estagnação ou a baixa do conjunto de leitores resulta de uma alteração progressiva e insensível do contrato, ou então a introdução de modificações redacionais que produzem uma incoerência no contrato. É o contrato de leitura que cria o vínculo entre suporte e leitor (VERÓN, 2005, p. 219)

O contrato é forjado pelos lugares em que o enunciador propõe um percurso ao co-enunciador, estabelecendo uma relação, que pode levar o leitor a se fidelizar ou não. Neste vínculo, pode se encontrar a proposta do suporte, suas crenças e posicionamento em relação aos acontecimentos (VERÓN, 2005). Esse relacionamento, contudo, não é de todo estável, tendo que se negociar continuamente.

Para Verón (2005), o contrato de leitura se cumpre no reconhecimento dos leitores, isto é, na recepção, onde é gerado outros discursos. Esta é uma das marcas da nova semiologia, a semiologia da enunciação, em que a totalidade do processo de produção de sentido é objeto de estudo do semiólogo e também sociológico, quando se procura entender melhor as expectativas dos leitores e não-leitores, além de estudos sobre a evolução sócio-cultural de uma determinada realidade. Convém alertar que, no âmbito da enunciação, jamais se produz um mesmo efeito, mas múltiplos, junto ao público, gramáticas de reconhecimento. (VERÓN, 2005).

O problema não é simples, pois uma mensagem nunca produz automaticamente um efeito. Todo discurso desenha, ao contrário, um campo de efeitos de sentido e não um e único efeito. A relação entre produção e a recepção [...] é complexa: nada de causalidade linear no universo do sentido. Ao mesmo tempo, um discurso dado não produz um efeito qualquer. A questão dos efeitos é, portanto, incontornável (VERÓN, 2005, p. 216)

⁵ Um mesmo emissor, a partir do alvo a que se propõe chegar, pode, em seus discursos, construir enunciadores diferentes. Ver MOURA, Clarissa V. M. **Um emissor e dois enunciadores: a violência contra mulher nas páginas de Massa! e A Tarde**. 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2014.

Do ideológico ao Poder

Para entender a produção e reprodução dos discursos na sociedade, Verón (1980) parte da noção de ideologia de Marx, para se distanciar dela e mais tarde abandoná-la. Ele vai cunhar o conceito de ideológico, que para Verón (1980), “é o nome do sistema de relações entre um conjunto significativo dado e suas condições de produção” (VERÓN, 1980, p. 196), na medida em que se é colocado em jogo mecanismo de base do funcionamento de uma sociedade (VERÓN *apud* BRAGA, 2005).

Uma ideologia não é um repertório de conteúdos (‘opiniões’, ‘atitudes’, ou mesmo ‘representações’), é uma gramática de engendramento de sentido, de investimentos de sentido em matérias significantes (VERÓN, 1980, p.197)

Portanto, uma análise do ideológico propõe-se identificar as marcas deixadas pelo discurso em determinado conjunto significativo. Por outro lado, Verón (1980) chama de poder a relação de um discurso com o seu reconhecimento, por conseguinte com seus efeitos, quando estas dizem respeito também ao funcionamento da sociedade. (VERÓN, 1980). Ideológico e poder são, então, dimensões de funcionamento dos discursos sociais (BRAGA, 2005). O ideológico tem a ver com a produção, enquanto que o poder tem a ver com os efeitos em relação ao reconhecimento, ambos vistos no interior da semiose social. Em outras palavras, ter o ideológico ou o poder como dimensão de análise é separar as duas metodologias de análise, uma que diz respeito análise ao nível da produção e outra, ao reconhecimento.

Trata-se não ter um texto como um lugar de sentido, mas considerar um discurso ao nível interdiscursivo, buscar o sistema produtivo que o engendrou, sua circulação e suas leituras. Isto é, ter um discurso em uma circulação social, em uma semiose (BRAGA, 2005), marcado de um lado pelo ideológico “o estatuto de uma gramática de produção de discurso, jamais poderia ser definido no “nível” (VERÓN, 2005, p. 59) dos “conteúdos”, mas sim pela forma dada ao discurso (uma maneira que Verón busca diferenciar da noção de ideologia), e de outro lado, pelo poder “assim como o



ideológico... designa uma dimensão de todo discurso, de toda produção de sentido que circula em uma sociedade”. (VERÓN, 2005, p. 59).

Apesar de sempre trabalhar, relacionando as noções de ideológico e de poder, Verón faz uma alerta de não cair numa espécie de momismo teórico levando a uma confusão entre estas duas instâncias conceituais:

“É claro que “poder” e “ideológico são duas problemáticas estreitamente ligadas: o poder de um discurso não é alheio aos mecanismos significantes que resultam das operações discursivas, estas decorrendo das condições ideológicas de produção. Dito isso, as duas problemáticas não são a mesma coisa, e devemos evitar uma espécie de momismo teórico muito em voga, baseado (a) numa confusão entre a questão do ideológico e a do poder e (b) na hipótese de que o poder funciona sempre e em todo o lugar com uma única e mesma gramática. Em contrapartida, é interessante estudar como e por que um mesmo discurso, em contextos sociais diferentes, não tem o mesmo poder, não produz os mesmos efeitos e também como e por que o poder assume modalidades diferentes em níveis diferentes do funcionamento social.” (VERÓN, 2005, p.60)

Enfim, toda produção discursiva passa a ser, na semiologia de 3^a. Geração, um fenômeno de reconhecimento, articulado conceitualmente com o ideológico, na instância de produção e os efeitos devem ser vistos dentro da produção de sentido, que invoca a perspectiva de análise dos discursos, isto é, a diferença entre discursos, pois um texto (pacote de matérias significantes) não é analisado em si mesma como já fora outrora. Ele passa a ser objeto de uma teoria de produção de sentido social que está em busca de invariantes do sistema produtivo de sentido (na produção e no reconhecimento), que definem as propriedades de uma economia discursiva. (VERÓN, 2005).

Conclusão

A semiologia proposta por Verón oferece contribuições importantes para os estudos dos discursos. Desde a concepção de que um conjunto significante não é de todo linguístico, aí imbricados também aspectos extralinguístico, à noção de semiose social, em que um discurso é apenas um ponto de passagem de sentido, sempre remetendo a outros discursos, se resignificando *ad infinitum*.



A teoria dos discursos sociais traz importantes aportes teóricos para se compreender a questão da produção de sentido não só de matérias linguísticas, em seu sentido mais amplo, mas também os próprios fenômenos sócio-culturais; uma contribuição, portanto, não só à semiologia, mas também à outras disciplinas que tem migrado seus objetos para o nível do simbólico, como a sociologia, antropologia etc.

No que toca à semiologia, o deslocamento do texto imanentista aos efeitos, traz a pergunta se, a partir daí, não se cria um limite à semiologia. Isto é, indaga-se se os efeitos são matérias que dizem respeito ao campo da semiologia. A resposta de Verón (2005) é positiva.

Se a dúvida era possível no quadro da “primeira semiologia”, não é mais para a semiologia da “terceira geração”. Para esta última, de fato, o “verdadeiro objeto” não é a mensagem em si (qualquer que seja o modo de conceitualizá-la, como um conjunto de signos ou como um discurso), mas a produção/reconhecimento do sentido, sentido cuja mensagem não é senão o ponto de passagem (VERÓN, 2005, p.237)

Entender um discurso em relação à instância de produção, circulação e reconhecimento, envolto em uma rede de significação, regida pelo social, ternária e infinita. Um ponto remete a outro, o que era objeto torna-se, em um segundo momento, interpretante. As contribuições de Verón tornaram o estudo dos discursos muito mais interessante, complexo, por sua vez, um campo de análise instigante e desafiador.

Referências

BRAGA, Maria L. **Eliseo Verón**. IN: ZECCHETTO, Victorino (org.). Seis semiólogos en busca del lector. Buenos Aires: La Crujía, 2005. p. 241-282

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**; tradução Angela S. M. Corrêa. 1 ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

FERREIRA, G. M. **Uma proposta metodológica para o estudo da imprensa a partir das mutações na problemática da análise do discurso**. Eptic (UFS), 2006.

KRISTEVA, J., **Σημειωτική Recherches pour une sémanalyse**, Paris, Seuil, 1969.

MARTIN-BARBERO, Jesús, **Dos meios às Mediações – Comunicação, cultura e hegemonia**, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

MOURA, Clarissa V. M. **Um emissor e dois enunciadores: a violência contra a mulher nas páginas de Massa! e A Tarde**. 2014. 232 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2014.



VERÓN, Eliséo. **La semiosis social, 2 – ideas, momentos, interpretantes**. 1ª. Ed., Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Paidós, 2013.

_____. **A produção do Sentido**. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cultrix, 1980

_____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo, RS : Ed. UNISINOS, 2005

_____. **La Semiosis Social**. 1ed. Barcelona: Gedisa, 1993

_____. **Sémiosis de l'idéologie et du pouvoir**. IN : Communications, 28, 1978. Idéologies, discours, pouvoirs. pp. 7-20

_____. **Le séjour et ses doubles. Architectures du petit écran**. IN : Révue Temp Libre, n° 11, 1984, p. 67-78.